

Alessandra Aparecida de Souza Gibello. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara.

MONTEIRO LOBATO, O “SÍTIO-MUNDO” E AS IDENTIDADES DA CRIANÇA LETRADA: MEMÓRIAS DE LEITURA.

O universo que permeia os estudos e concepções acerca da literatura infantil em seus diferentes âmbitos nos serviu de inspiração para a busca de uma dada compreensão acerca do limiar existente entre as fronteiras da literatura infantil e da educação brasileira, entendendo tais fronteiras dentro dos limites, possibilidades e intersecções existentes entre elas, e buscando – pelas lentes da pedagogia – oferecer alguma contribuição para a reflexão sobre o papel da literatura infantil numa perspectiva educacional.

Foram essas, as primeiras inspirações para a elaboração e desenvolvimento da pesquisa de mestrado – que possui o mesmo título deste trabalho – e ora buscamos sintetizar, a fim de pontuar as contribuições de um estudo que, para além de estabelecer distinções e limites entre a fronteira da literatura e da pedagogia, trouxe uma reflexão sobre o universo simbólico que permeou as múltiplas leituras da obra infantil de Monteiro Lobato, para aquela que se institui como sua primeira geração de leitores. Deste modo, por meio da análise de algumas das principais obras infantis de Monteiro Lobato, foi possível compreender o projeto político-pedagógico do autor, que trazia como pressuposto evidente a tarefa de educar as gerações futuras por meio da leitura de seus livros. A apropriação dessa leitura e suas múltiplas representações também foram objetos de estudo, no qual buscamos, por meio das “memórias” pontuar – ainda que em nível de representação simbólica – as marcas deixadas por essa leitura, tendo em vista o projeto político-pedagógico postulado por Lobato. Esse trabalho teve, portanto, como objetivo principal apreender as concepções de Monteiro Lobato que perpassaram em seu projeto de educar as crianças pela leitura – e que, indubitavelmente, postularam novas concepções a respeito da infância, da educação, dos valores, da escola, enfim, de toda a sociedade – e quais foram as marcas deixadas por tais leituras, ou seja, o que foi apreendido e apropriado dessas leituras por aquela que foi a primeira geração de leitores e que, de certa forma, cresceu e se desenvolveu como a própria obra, a fim de indicar subsídios para a compreensão dos aspectos pertinentes à construção de mentalidades de uma dada época.

Monteiro Lobato e a infância brasileira: um projeto educacional para o progresso da nação

Partindo dos pressupostos já apresentados, podemos afirmar que a obra infantil de Monteiro Lobato possui uma intenção pedagógica explícita, mas totalmente distinta de concepções metodológicas de educação, pois, embora apresente aspectos que a aproximem das concepções referentes à valorização da individualidade, curiosidade e ritmo de desenvolvimento, possui características

peculiares, posto que sua primeira “ação-pedagógica” é abolir a escola. Todas as aventuras se passam em períodos de férias, no Sítio do Picapau Amarelo, tendo na figura de Dona Benta, não apenas a mestra, mas, sobretudo, a sábia e referência intelectual para as crianças.

Monteiro Lobato rompe ainda com outros padrões sociais tais como a ausência de pai, mãe, professor, autoridades significativas na vida da criança, - principalmente se atinarmos para o público de Lobato: crianças da década de 30 e 40, que tinham uma educação regrada e, por vezes, severa – mas que assumem papel distinto ao adentrar ao “*Sítio-Mundo*”. Nesse sentido, um dos primeiros aspectos passíveis de reflexão refere-se às concepções de Monteiro Lobato a respeito da infância e da relação adulto-criança expressa em sua obra.

Durante a pesquisa foi possível apreender que, ao escrever histórias para crianças e, evidenciando-as como protagonistas de seu cenário narrativo, Lobato nos apresenta uma concepção - no âmbito do que Goldman (1972) chamaria de consciência possível – de infância, que perpassa toda sua obra, tendo como pressuposto fundamental a idéia de que a criança é a esperança para o futuro da nação.

Pedrinho perdeu o sono naquela noite. As palavras de Dona Benta o haviam impressionado profundamente. Na manhã seguinte Emília procurou-o e disse:

_Nós, precisamos endireitar o mundo Pedrinho.

_Nós, quem Emília?

_Nós, crianças; nós que temos imaginação. Dos “adultos” nada há a esperar... (LOBATO, 1994a, p.160)

É possível perceber neste trecho a grande esperança depositada por Lobato nas crianças e, paralelamente, sua descrença em relação aos adultos. Assim, ao longo de seus textos essa exaltação das capacidades das crianças é amplamente valorizada, ao passo que suas críticas aos adultos são constantes e, por vezes, muito severas.

Ora os adultos! – exclamou Narizinho com ar de pouco caso. – Não há maior sem-gracismo do que ser adulto. Bem razão tinha Peter Pan em não querer crescer, em não querer nunca virar gente grande – ou “adulto”, como eles dizem com todo o pedantismo. A tal gente grande não sabe fazer a única coisa interessante que há na vida...

_Que é, Narizinho?

_Ora que é! Brincar, bobo. Tirando o brinquedo, que é que resta na vida? [...] _É verdade – concordou o menino. _ Mas por que será que os adultos não brincam?

_De medo de parecerem crianças. Eles morrem de medo de parecerem crianças, como se não fosse dez vezes mais importante ser criança do que ser uns homens de bigodes feito taturanas debaixo do nariz, ou umas mulheronas gordas, cheias de rugas na cara, sardas e pés-de-galinha.

_ É como eu penso – voltou Emília lá da garupa. _Se em vez de boneca eu tivesse nascido gente grande, sabem o que eu fazia? Suicidava-me com um tiro de canhão na orelha. (LOBATO, 1995, p. 47).

Neste trecho, percebemos a própria voz de Lobato que, ao definir os adultos na fala das crianças, ressalta a brincadeira como algo muito importante, esquecida pelos adultos, por se ocuparem de muitas coisas e por vergonha de parecerem crianças. Mostra também a inversão: as crianças não querem ser adultas posto que se tornar adulto significa, em primeira instância, abandonar a “única coisa interessante que há na vida”. Além disso, o escritor radicaliza com a afirmação de Emília, mostrando toda sua descrença nos adultos e suas expectativas em relação à criança. Ainda em relação à concepção de criança e infância presentes na obra infantil de Monteiro Lobato, podemos destacar a curiosidade como elemento fundamental e, de certa forma, como eixo norteador das aventuras e, conseqüentemente, como recurso fundamental para desencadear aprendizagens significativas aos netos de Dona Benta, como também da criança-leitora. A infância no sítio é muito feliz e sem grandes preocupações. As crianças são livres para viver as aventuras, para dialogar com os adultos, para dar opiniões. Nessa perspectiva, percebemos a criança – na lógica do *Sítio do Picapau Amarelo* – como um ser forte, muito diferente da idéia que usualmente se tem da fragilidade infantil. Os netos de Dona Benta – cada qual à sua maneira e proporção, pois há a distinção de gênero – possuem coragem e habilidades que lhes permitem viver intensamente as aventuras; ou seja, ser criança não significa ser inferior. Ao contrário, os textos de Lobato buscam sempre evidenciar as habilidades intrínsecas nas crianças.

Outro aspecto relevante, diz respeito ao poder e a liberdade que as crianças tem para executarem suas aventuras, pois vão a caçadas na mata, viagens a mundos distantes, vivendo muitos perigos e – embora Dona Benta demonstre preocupações – sempre são valorizadas as façanhas e o aprendizado com as aventuras. Em seus textos, Lobato amplia o universo de atuação das crianças, mostrando que elas precisam ser valorizadas em cada fase da vida e, embora ele próprio busque educar a juventude à guisa de preparar o futuro da nação, não retira dela sua especificidade. Assim o escritor atribui aos personagens infantis do *Sítio* uma liberdade que não era concedida à criança (e talvez ainda hoje também não seja), além de uma valorização que se sobrepõe inclusive às tradicionais “broncas” merecidas pelas travessuras. Desse modo, é vivendo o presente e suas vicissitudes que Lobato acredita na possibilidade de fornecer à criança subsídios para se tornarem adultos críticos e conscientes.

Gostaríamos de destacar – ainda no âmbito da análise da obra infantil de Monteiro Lobato durante a pesquisa – a relação que ele estabelece entre a realidade e a fantasia e o papel da brincadeira e o brinquedo nesta concepção que, a partir de um jogo simbólico, nos permite perceber algumas concepções do escritor que remetem ao ideal de criança e infância postuladas nos textos. Nesse sentido, podemos afirmar que as aventuras surgem numa dinâmica e tomam a proporção exata da definição da criança e da infância: a brincadeira. Postman (1999) aponta a idéia de que a diferenciação entre adultos e crianças está na brincadeira e na relação da criança com o brinquedo. Evidenciamos isso, amplamente, nos textos de Monteiro Lobato, na medida em que a relação da criança com a brincadeira marca essencialmente a obra, além disso, Lobato proporciona outro tipo de relação da

criança com o brinquedo ao torná-lo mágico, pois possibilita que ele se torne sujeito e não apenas objeto para o desenvolvimento da brincadeira. Assim, Lobato vai além, ao dar vida aos brinquedos, Emília e Visconde, tornando “real” o sonho da maioria das crianças. Os brinquedos vão assumir um papel essencial na obra infantil de Monteiro Lobato na medida em que, muitas vezes, serão os principais responsáveis pelas aventuras, ou ainda serão os “porta-vozes” das críticas de Monteiro Lobato e mesmo da própria criança, ao assumir posturas que as crianças gostariam de ter, mas não o fazem por sua própria condição de criança.

Assim, os brinquedos são parte integrante desse universo ficcional criado por Monteiro Lobato no qual há uma fusão entre a realidade e fantasia, de modo que tudo se torna possível. Essa estrutura trabalha com dois planos distintos, partindo sempre do que é considerado real, ou seja, o *Sítio* e um outro, o da fantasia, no qual geralmente ocorrem as “reinações”. Todas as aventuras se iniciam no *Sítio do Picapau Amarelo* e retornam a ele, trazendo, de alguma forma, aproximações e distâncias entre real e fantasia. Porém, embora o *Sítio* seja considerado o plano real, por vezes, também se torna o cenário no qual o maravilhoso se realiza, de modo que esses territórios se confundem e coexistem.

_Credo! Exclamou a preta. O mundo está perdido, sinhá!...

_Mas que é rapariga? Desembuche...

_É uma bicharia, que não acaba mais, sinhá! O terreiro está “assim” de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho esquisito que há lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo... – e beliscou-se –para ver.
(LOBATO, 1982, p.64)

Um aspecto interessante, diz respeito à forma como ocorre a passagem da realidade para a fantasia, apontada sutilmente no texto, como podemos perceber na fala de Tia Nastácia: “Até nem sei se estou acordada ou dormindo”, mas também acontece por meio de elementos mágicos, que marcam a mudança, ou são responsáveis por ela como: o pó de pirlimpimpim e o “faz-de-conta” da Emília. O pó de pirlimpimpim é um pó mágico, capaz de levar todos os personagens para qualquer lugar que sua imaginação permitir. Faz, portanto, a passagem do sentido de realidade para o plano fantástico, sendo uma das maneiras mais utilizada pelos personagens para viverem suas aventuras. O “faz-de-conta” de Emília é um outro elemento mágico fundamental para a narrativa de Monteiro Lobato, pois não apenas é um recurso para o ingresso ou saída do plano da fantasia, como também um precioso auxiliar na resolução de problemas nas aventuras. É um poderoso recurso de Emília, que constantemente está a resolver os problemas encontrados nas aventuras.

Dentre os vários temas abordados por Monteiro Lobato em sua obra infantil, podemos destacar a relação que estabelece com o conhecimento como um dos pilares para a realização dos seus objetivos de formar as gerações futuras por meio da leitura.

A fim de apresentar de maneira sintética os dados da pesquisa estaremos neste texto apresentando as concepções apreendidas especificamente

no livro *Histórias do Mundo para Crianças*¹, buscando tecer uma abordagem correspondente aos objetivos propostos. Lobato aborda a questão da ética e dos valores, na tentativa de criar uma consciência crítica em seus leitores. Por tal razão, o livro *História do Mundo para Crianças* é o mais explícito, na medida em que irá basicamente abordar os fatos históricos, dando um tratamento a eles, ou seja, conta a História levando as personagens adultas e infantis à reflexão e a crítica, que se voltam basicamente para a própria humanidade. Nesse sentido, talvez Monteiro Lobato pretendesse mais do que simplesmente apresentar a “História do Mundo”, como a maioria dos livros e compêndios da época faziam, mas, sobretudo, levar a criança a refletir acerca dos caminhos que os homens percorreram e, principalmente, o que estavam fazendo com a humanidade. Trata-se, evidentemente, de uma abordagem que tem sua origem na matriz de análise histórica do mundo ocidental, portanto, das elites. Desse modo, durante todo o livro, Monteiro Lobato, ao abordar os principais fatos da história da humanidade, aponta as mazelas causadas pelos próprios homens e estabelece uma relação entre o conhecimento produzido pela humanidade – incluindo nessa perspectiva as outras áreas do conhecimento abordadas por ele em seus outros textos – tendo como eixo norteador não apenas a compreensão, mas, sobretudo, a reflexão e a construção de novos conhecimentos, levando o leitor a desenvolver o espírito crítico diante da realidade.

Dentro dessa perspectiva humanista que os textos de Lobato evidenciam, criamos – no decorrer de nossa pesquisa – a categoria **Sítio-Mundo** com o propósito de analisar a idealização de Monteiro Lobato sobre uma forma específica de organização social, representada pelo *Sítio do Picapau Amarelo*. De alguma forma, o *Sítio* seria a representação do ideal de sociedade que o escritor pretendia para o Brasil, tomando a infância como protagonista para a transformação dessa utopia em realidade. Em seus textos, Lobato tece duras críticas à organização social mundial e, principalmente, à brasileira, apontando as mazelas sociais que ocorrem por meio de uma sociedade individualista e burocratizada, que desconsidera as necessidades da nação para o progresso. Entretanto, embora Monteiro Lobato apresente um ceticismo com relação à sociedade, à humanidade e ao governo, suas crenças não se pautam em um conformismo, mas dentre as críticas, há ainda a possibilidade e esperança de mudança:

Meu filho – disse a boa velhinha – é que eu também tenho no fundo do coração o mesmo sonho de Simão Bolívar. Eu sonho com os Estados Unidos do Mundo como único meio de acabar com esse horrível cancro chamado Guerra. A história do mundo, como tenho mostrado a vocês, não passa de um Amazonas de sangue e dor, de desgraças e horrores de toda a sorte, tudo por causa da divisão da humanidade em pedaços inimigos uns dos outros. O remédio para esse cancro é um só: a unidade política do mundo. (LOBATO, 1994a, p. 160).

¹ Monteiro Lobato escreve *História do Mundo para Crianças* em 1933. Não podemos nos esquecer que esse livro, ao retratar a história do mundo para crianças, é considerado um paradidático e, desse modo, traz conteúdos escolares. Foi amplamente criticado e mesmo proibido ao ser publicado, devido às idéias e críticas sobre a humanidade, a sociedade e à religião que veicula.

Não havendo possibilidade de concretizar esse mundo ideal na realidade, Lobato o fez na ficção, ao criar – parafraseando André Luiz Campos – a república do Picapau Amarelo. Nesse universo mágico – podemos classificá-lo dessa maneira pois foi se tornando de fato “um mundo dentro do *Sítio*” – Monteiro Lobato projetou seu ideal de organização social, de governo, de relações sociais, de nacionalismo e de progresso. O *Sítio* é o lugar ideal, com um governo democrático, no qual crianças e adultos têm seus direitos e deveres, suas responsabilidades, gozando de liberdade para o pleno diálogo. Esta estrutura vai se tornando, ao longo da construção da obra, complexa até tornar-se a representação de sociedade e de Brasil idealizado por Lobato, quem sabe até do próprio “mundo”.

Pudemos apreender, portanto, – a partir da síntese das concepções discutidas no decorrer da pesquisa desenvolvida - o grande alcance pedagógico da obra infantil de Monteiro Lobato que, como já foi mencionado anteriormente, aborda as questões pedagógicas de uma maneira humanista e peculiar, transformando seus livros, de fato, naquilo que ele próprio um dia idealizou “livros onde as crianças possam morar”.

Leituras e leitores: memórias dos tempos de infância

Estaremos contemplando e discutindo – a partir dos resultados obtidos na pesquisa de campo através de entrevistas² - as possíveis apropriações da leitura dos textos infantis de Monteiro Lobato feita por aquela que classificamos aqui como a primeira geração de leitores, que tiveram acesso à construção literária do autor nas décadas de 30 e 40. Esses primeiros leitores – por assim dizer – tiveram seu contato inicial com o *Sítio do Picapau Amarelo* pelos livros, ou seja, não sofreram qualquer influência das versões televisivas. Trata-se, portanto, da tentativa de visualizar **a leitura** que essa geração fez das obras infantis de Lobato, buscando identificar as representações e possíveis marcas de tais leituras em suas vidas, tendo como eixo norteador dessa análise, o projeto pedagógico de Monteiro Lobato de formar as gerações futuras pela leitura.

A idéia de infância ou de criança apresentada no *Sítio do Picapau Amarelo* que perpassa os relatos evidencia uma relação explícita com a alegria, a liberdade e imaginação; muitas vezes compartilhada com essas “crianças-leitoras” por meio da leitura. Em alguns relatos, as entrevistadas identificam sua infância com a dos personagens do *Sítio*, justificando inclusive essas similitudes. A entrevista de Verônica traça a distinção entre a liberdade concedida aos personagens do *Sítio* e a falta de liberdade das crianças ao relatar passagens de sua infância que foram, de certa maneira, muito sofridas para ela. Assim, ao ser questionada acerca da concepção de criança que Monteiro Lobato expressa em seus textos, ela afirma:

² Os trechos das entrevistas selecionados e apresentados, bem como sua análise, foram retirados da dissertação de Mestrado GIBELLO, A. A. S. *Monteiro Lobato, o “Sítio-Mundo” e as identidades da criança letrada: memórias de leitura*. Araraquara: Unesp, 2004. Os nomes das entrevistadas são fictícios.

Ser feliz, ah, não tenha dúvida, é ser feliz mesmo, pelo menos ter tempo, ter voz, ter direitos. [...]

No colégio, por exemplo, a disciplina era, era muito rígida, é... a criança não tinha vez, a gente tinha que obedecer, obedecer, obedecer e ser castigado, ser avaliado e ser castigado, eu tenho assim, lembranças muito doloridas de humilhações que a gente passou por causa de bobagens sabe, eu chegava em casa e lia o Monteiro Lobato e ficava, ficava tudo pago (risos), estava vingada!(risos) (Verônica, 62 anos).

A liberdade, a alegria e a felicidade são – na leitura dessa entrevistada – os três pilares dessa concepção de infância que permeia os textos de Monteiro Lobato, referendados por experiências de suas infâncias que darão propriedade a esses pilares, apontando-os como essenciais no universo do *Picapau Amarelo*. De alguma maneira, Monteiro Lobato teria conseguido transmitir suas concepções a respeito da criança e da infância, pois os relatos retomam aspectos essenciais das narrativas. Nesse sentido, por apropriações ou identificações diferentes, essas leitoras em criança puderam se deleitar desse privilégio, mesmo que apenas num nível imaginário, de sentirem-se livres, num contexto de plena alegria e diversão, no qual puderam se aventurar naquele universo mágico, se identificando e se projetando nele.

[...] era todo esse mundo às avessas que eu queria mesmo, é mergulhar, queria ter um pouquinho de pó de pirlimpimpim para ir lá. [...] eu gostava mais quando eu imaginava, porque enquanto a minha mãe lia, eu, eu produzia, eu construía um *Sítio* sabe, eu construí um *Sítio*, eu construí uma Dona Benta, eu construí todos os personagens etc. e tal, e daí eu fui assim, fazendo um *Sítio* meu. [...] o *Sítio* era meu e nele eu reinava. (Verônica, 62 anos).

Enfim, o *Sítio do Picapau Amarelo* constituiu-se num lugar onde essas crianças-leitoras puderam por algum tempo “morar”, sentindo-se em casa, sentindo o cheiro das jabuticabas, dos bolinhos de Tia Nastácia, de modo que os livros de Monteiro Lobato tornaram-se o “lar” de muitas crianças brasileiras. A relação estabelecida entre Monteiro Lobato e a escola também perpassa o imaginário das entrevistadas de modo a possibilitar-nos captar traços de identificação da criança com Monteiro Lobato, tomando-o como “educador” e, ainda, a relação da criança com seus livros dentro e fora da escola. O primeiro aspecto a ser desenvolvido diz respeito à representação de escola apresentada pelas entrevistadas, na qual se evidencia em princípio um ambiente muito rígido, sem grandes preocupações com a leitura ou com a formação crítica dos alunos.

Eu acho que na programação antiga eles se preocupavam muito em ensinar a ler, a escrever, era o objetivo deles, que a gente escrevesse e lesse bem e soubesse matemática. Eram as duas matérias: português e matemática, pouca coisa se falava extra a não ser essas duas matérias que eram trabalhadas, bem trabalhadas, mas então, eu acho que faltou assim, orientação própria dos professores, os professores não foram orientados para incentivar a leitura [...] Era a programação e não ia além daquilo. [...] Antigamente era o professor falava, ditou e acabou. Hoje você tem como um meio de conversar, trocar idéias, você é uma interligação e

antigamente não era assim, você sentava lá, você escutava, acabou, acabou. (Lourdes, 73 anos).

Essas lembranças revelam um pouco do cotidiano escolar das crianças nas décadas de 30 e 40, que de certa maneira nos dão pistas do motivo pelo qual os textos de Monteiro Lobato não eram lidos na escola. Talvez, o universo criado por Lobato, em que se valorizava a liberdade, a autonomia, a curiosidade, a busca pelo conhecimento não fossem, naquele momento, prioridade para as escolas e seus currículos. Além disso, a censura às obras de Lobato – exatamente por não corresponderem à educação da época – também perpassam os relatos, enquanto uma leitura inclusive proibida, por ser considerada perigosa às crianças.

Outro aspecto interessante diz respeito à representação que as entrevistadas fazem do próprio Monteiro Lobato, considerado como aquele que pretendia ensinar às crianças, educá-las e prepará-las para a vida adulta. Ao serem indagadas a respeito de uma intenção de Monteiro Lobato em influenciar as crianças, houve uma confirmação geral, de modo que em alguns casos essa terminologia foi substituída por outras: orientar, ensinar, educar, etc. O relato de Maria Isabel expressa a maneira pela qual Monteiro Lobato encantou as crianças e foi capaz de levá-las a uma identificação não apenas com seus livros, mas com a sua própria figura, por vezes comparada a de um mestre.

[...] eu não sei se o Monteiro Lobato... planejou os livros dele como um plano de educação ou se ele se foi por acaso, mas realmente os livros dele têm uma seqüência em que a criança acaba se acostumando a, naquela época, os livros iam saindo paulatinamente, então a criança ia se acostumando com a idéia do Monteiro Lobato. [...] eu tenho a impressão que ele foi preparando a mentalidade da criança até que ele chegou num, num ponto mais alto de que nós já conseguíamos compreender o que ele estava falando, então eu acho que o interesse da criança era tudo isso, é porque a gente, era como se fosse uma aula, e para quem não tinha... eu, por exemplo, que estudava em casa, para mim era uma coisa muito viva os livros dele. [...] como eu digo não é influenciar as crianças, é abrir os olhos das crianças. Ele queria que o povo brasileiro aprendesse a olhar com realismo as vantagens e as desvantagens da política que estava sendo feita. [...] eu me lembro dele, porque é como se ele tivesse sido um mestre na nossa vida, em tempo de criança nós aprendíamos muito com ele e tínhamos um carinho muito grande com o Monteiro Lobato. (Maria Isabel, 75 anos).

As lembranças de Maria Isabel nos fornecem pistas importantes acerca da maneira pela qual Monteiro Lobato interagiu com o imaginário infantil, como também a maneira pela qual sua obra foi tendo, em certa medida, esse caráter educacional que, intencionalmente ou não, se tornou – de acordo com as concepções da entrevistada – um plano de educação, que levava a criança progressivamente a desenvolver suas habilidades de compreensão e reflexão.

Os textos de Monteiro Lobato tiveram um significado muito importante na vida dessas entrevistadas, pois são um universo de educação paralelo à escola que, moldada em padrões tradicionais, não correspondia em nada àqueles ideais de

liberdade, autonomia, curiosidade, etc. Por esse motivo, talvez, o *Sítio do Picapau Amarelo* não aparecia na escola formalmente - mas dado o significado e a apropriação que as crianças faziam dessa leitura - adentrou no cotidiano educacional “pela porta dos fundos” e participou da vida escolar como currículo oculto. Além disso, as entrevistas corroboram com a idéia de que a literatura infantil de Monteiro Lobato tenha se constituído enquanto um plano de educação, no qual seu criador procurou orientar as crianças, educá-las, tornando-as críticas, em busca de criar, quem sabe, um mundo melhor. A análise das entrevistas possibilitou-nos apreender a relevância dessa leitura para essa primeira geração de leitores de Monteiro Lobato em crianças, bem como as apropriações e representações (re)construídas a partir das memórias, das lembranças daquele tempo, que de alguma forma, deixaram marcas na história pessoal de cada uma, evidenciando que não apenas o *Sítio do Picapau Amarelo*, mas o próprio Monteiro Lobato foi presente no imaginário dessas crianças, tornou-se referência, de modo que suas concepções influenciaram, de alguma maneira, na forma de agir ou de pensar.

A partir da valorização da curiosidade e da relação com o conhecimento Lobato apresenta a possibilidade da construção de um sujeito crítico e reflexivo, podendo – a partir desses pilares investigativos constituídos - transformar a realidade, ou quem sabe, a própria sociedade brasileira. Não pretendemos com isso, afirmar que o projeto de Monteiro Lobato tenha se concretizado, pois o que nos interessa é exatamente pontuar esse limiar tênue e ao mesmo tempo tão complexo - descrito por Chartier (1990) - entre as intenções de um autor e as apropriações de sua leitura feita pelo leitor. Podemos de todo modo, assegurar que os textos de Monteiro Lobato tiveram uma grande importância na infância dessa geração, influenciando-a e deixando marcas dessas leituras no imaginário e, talvez, na vida dessas pessoas, que tiveram com Lobato – por meio de seus textos – uma relação de aprendizagem e reconhecimento de seu papel, como orientador, educador, como alguém que pretendeu “abrir os olhos das crianças. [...] que queria que o povo brasileiro aprendesse a olhar com realismo” (Maria Isabel, 75 anos). Enfim, de alguma maneira, o projeto de Monteiro Lobato foi compreendido pelas crianças da primeira geração de leitores da sua literatura infantil, deixando marcas e influências de um “educador” que, sem a escola, se aventurou a ensinar, levando as crianças a aprender e, cujos ensinamentos ainda hoje ressoam nas lembranças daqueles que mesmo as páginas amareladas dos livros não puderam apagar.

[...] na minha infância o Monteiro Lobato teve um papel muito destacado, e é realmente assim, praticamente com ternura que eu me lembro dele, porque é como se ele tivesse sido um mestre em nossa vida, em tempo de criança nós aprendíamos muito com ele e tínhamos um carinho muito grande com o Monteiro Lobato, de maneira que foi realmente uma oportunidade de ter lembrado o que ele representou na minha vida. (Maria Isabel, 75 anos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed., Rio de Janeiro: JC editora, 1981.
- BOTO, C. J. C. M. R. **Rascunhos da escola na encruzilhada dos tempos**. 1990. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar – Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 1990.
- _____. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o século das luzes. IN: FREITAS, M.C; KUHLMANN JR., M. (org). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CAMPOS, A. L. V. de. **A república do picapau amarelo**. São Paulo: Martins Fontes, 1ª ed., 1986.
- CARVALHO, B.V. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2.ed., São Paulo: Edart, 1982.
- CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUÍ, M. Os trabalhos da Memória. IN: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GIBELLO, A. A. S. **Monteiro Lobato, o “Sítio Mundo” e as identidades da criança letrada: memórias de leitura**. Araraquara, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Dissertação de Mestrado, 2004.
- GOLDMAN, L. **Ciências Humanas e Filosofia**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.
- LAJOLO, M. ; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história&histórias**. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1985.
- LOBATO, J. B. M. **Reinações de Narizinho**. IN: **Sítio do Picapau Amarelo-Obras Completas**. São Paulo: Brasiliense,1982, Vol.1.
- _____. **Memórias de Emília**. São Paulo: Brasiliense, 42ªed., 1994.
- _____. **Histórias do Mundo para Crianças**. São Paulo: Brasiliense, 38ª ed., 1994a.
- _____. **Viagem ao Céu**. São Paulo: Brasiliense, 45ª ed., 1995.
- PENTEADO, J. R. W. **Os filhos de Lobato: imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Duya Editora, 1997.
- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**.. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.
- RUSSEFF, I. A infância pelos olhos de Monteiro Lobato: IN: FREITAS, M.C.(org). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, p.247-266, 1997.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: a história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed., 1992.